

UGGRI — O HOMEM DO ARCO-ÍRIS

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Obra literária completa • Projeto de adaptação editorial e audiovisual

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais

1. Ficha da obra

Título: UGGRI — O HOMEM DO ARCO-ÍRIS

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Romance de aventura pré-histórica / ficção histórica e especulativa / jornada de formação

Extensão: 208 páginas no livro integral.

Estágio de desenvolvimento: Obra literária completa.

Ambientação: Mundo ficcional no alvorecer do Neolítico, com aldeias, clãs, territórios e tradições próprios.

Público-alvo: Leitores jovens adultos e adultos de aventuras, narrativas históricas imaginativas e sagas de formação.

Formato de exploração: Edição literária e potencial adaptação audiovisual.

2. Pitch

No alvorecer do Neolítico, um menino abandonado à correnteza de um rio sobrevive entre animais selvagens e cresce cercado por lobos. Descoberto por caçadores, surpreende-os ao dominar o fogo e ao fazer recuar os animais. Para os homens da aldeia, a criança pode ser o prometido anunciado pelas profecias: Uggri, o Senhor dos Lobos e do Fogo.

Acolhido pelo guerreiro Mabok e enviado para aprender com os sábios do clã dos Davini, Uggri atravessa um mundo de crenças, conflitos, ritos e descobertas. Sua maior conquista, porém, não é a força: é a capacidade de transformar a experiência em conhecimento e de encontrar, entre a sobrevivência e a violência, outros caminhos para a vida coletiva. Uma aventura sobre a origem das escolhas humanas, conduzida pela imagem do arco-íris — as cores dos deuses.

3. Sinopse

Um homem que viveu quando tudo teve início. Palavras, ideias, histórias e estórias foram as pedras que sustentaram os seus passos. Procurou viver, deixar viver e sobreviver num tempo em que era mais fácil a escolha pela morte. Não deixou tesouros físicos. Deixou ensinamentos. Construiu a civilização não com guerras ou sangue, mas com ações, atitudes e sabedoria. Era um ser humano único, para a sua época. Era o Senhor dos Lobos e do Fogo. Era Uggri, o homem do arco-íris.

Entre provações, disputas e a relação com mestres, ele descobre que a inteligência, a compaixão e a capacidade de compreender o outro podem ter mais valor do que a força.

A aventura acompanha a formação de um homem que aprende a sobreviver e, sobretudo, a deixar ensinamentos. O arco-íris, visto desde os primeiros momentos de sua vida, atravessa a narrativa como símbolo de descoberta, memória e esperança. Ao olhar retrospectivamente para os caminhos percorridos, Uggri reúne a experiência de quem viveu num tempo em que a violência era cotidiana, mas escolheu buscar outras possibilidades.

4. Diferenciais e posicionamento

Protagonista de trajetória singular. De criança criada entre animais a figura de referência para diferentes grupos humanos, Uggri conduz uma narrativa de amadurecimento e transformação.

Ambientação pré-histórica imaginativa. A obra constrói clãs, costumes, relações de poder e lugares próprios, sem depender de um cenário contemporâneo.

Conflito entre violência e sabedoria. Sobrevivência, rituais, educação, afeto, disputas e organização coletiva sustentam o núcleo humano da aventura.

Natureza como personagem. Lobos, ursos, guerreiros, vaidosos sábios, fogo, rios, florestas, montanhas e o arco-íris possuem forte função narrativa e imagética.

Geografia autoral. O mapa dos territórios percorridos por Uggri amplia a experiência de leitura e oferece uma referência visual para divulgação e adaptação.

Identidade temática. A história associa ação e deslocamento físico a uma reflexão sobre o surgimento de valores, conhecimentos e formas de convivência.

5. Potencial editorial e comercial

UGGRI — O HOMEM DO ARCO-ÍRIS reúne uma premissa imediatamente reconhecível — o menino que cresce entre animais e aprende a transformar seu mundo — e um universo narrativo próprio. A obra pode alcançar públicos que amam aventura, ficção de ambientação pré-histórica e histórias de formação humana, com elementos de descoberta, sobrevivência e imaginação histórica. A capa com Uggri e o lobo, associada ao mapa dos territórios, oferece identidade gráfica coesa para apresentação editorial e comunicação com o público.

6. Potencial de adaptação audiovisual

Arco de formação: a infância de Uggri, seu encontro com os caçadores, a adoção por Mabok e o aprendizado com os Davini estabelecem etapas dramáticas claramente identificáveis.

Cenas de forte impacto visual: o abandono no rio, a convivência com animais, a necessidade de descobrir por si mesmo todas as coisas, a descoberta do fogo, os ritos dos anciões e as provações em Egre-Boh.

Contrastes de cenário: aldeias, bosques, rios, penhascos, planícies e territórios representados no mapa permitem construir uma linguagem visual de aventura.

Conflitos humanos: o embate entre superstição, autoridade, educação e sabedoria fornece material para desenvolvimento de personagens e relações.

Formatos possíveis: longa-metragem de aventura ou série dramática de ambientação pré-histórica, conforme o projeto de adaptação.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores jovens adultos e adultos interessados em aventuras de sobrevivência, ficção histórica imaginativa, narrativas de formação, mundos autorais e histórias sobre o confronto entre violência, conhecimento e valores humanos.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentres Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Capa, mapa, elementos iniciais, prólogo e capítulos 1 a 9



Juvêncio Marins



Aqui existe o relato da vida de um homem que viveu há muito, muito tempo, quando tudo teve início.

Muito chão foi por ele percorrido. Palavras, idéias e estórias foram as pedras que sustentaram os seus passos por este mundo.

Era um ser humano único, para a sua época.

A coruja encontrou uma pombinha.

“Aonde vai?” – perguntou a pombinha.

“Estou de mudança para bem longe” – a coruja respondeu.

“E por quê?” – quis saber a pombinha.

“Todo mundo aqui detesta o meu pio” – a coruja explicou, meio triste.

– “Por isso estou indo embora”.

“Se mudar de voz, tudo bem” – observou a outra ave. – “Mas se não mudar, mesmo indo para longe, as pessoas continuarão a não gostar de você”.

PRÓLOGO

O homem estava sentado à beira de um penhasco contemplando um oceano. Era velho e seus olhos brilhavam de um azul profundo, que cintilavam esperança e conforto. O peso da idade machucava-lhe o corpo, mas as dores dos anos não o intimidavam porque tinha uma história, uma existência marcada pela sabedoria e pela criatividade. Apoiando-se no cajado e erguendo o corpo, cheio de saudade, pensou em Ur-Tah, lugar onde passou boa parte da vida, e onde costumava ver o mesmo céu, e sentir o mesmo calor da manhã. Ainda estava escuro quando acordou. Seu sono foi difícil, entremeado e sensível. Estava ansioso e sonolento. Queria despovoar a cabeça, como quem limpa uma cabana.

“Mar-The” – murmurou.

Uma fogueira crepitava preguiçosas labaredas, e gotas de chuva rolaram pela sua face. As últimas estrelas despediam-se no céu, e o vento, respondendo aos primeiros sinais da alvorada, sacudia as folhas das palmeiras, formando nuvens, de inusitado espectro, misto de sol e de tempestade. Lá embaixo, o mar se jogava com violência contra as pedras, beijando com volúpia a boca da praia. O capim praieiro

sacudia-se ao sabor da ventania, enquanto alguns passarinhos caçavam minúsculos siris. Então, algo aconteceu.

“As cores dos deuses” – pensou.

Caminhou até a soleira do despenhadeiro, com um sorriso feliz nos lábios, e saltou. A natureza assustou-se. Pássaros voaram e caranguejos se esconderam na areia, quando ele caiu nas ondas borbulhantes do oceano que batizara de “Águas de Tirik”, cuja linha no horizonte servia como limite imaginário entre o mundo que conhecia e um território habitado, certamente, por monstros terríveis.

PRIMEIRA PARTE

UM

O menino que viu o arco-íris

Uggri era o seu nome, e significava “o prometido”. Nasceu no alvorecer do período Neolítico. Forte, com o rosto redondo iluminado por cativantes olhos azuis, e com um sorriso incandescente, era filho de nômades que não tinham qualquer ligação com tribos, clãs ou aldeias. Era uma gente que vagava atrás do alimento pelos vales e planaltos, importando-se apenas em sobreviver e garantir a descendência, numa época em que os fortes deveriam ser realmente fortes e os fracos nem deveriam nascer.

Então, num dia mais nublado do que ensolarado, ao acordar, viu duas imagens: a primeira foi a de um arco-íris, que parecia iluminar-lhe a fronte; a imagem seguinte foi a do rosto de sua mãe, uma face murcha e empalidecida, de cujos olhos amendoados vazavam lágrimas e dor.

A mulher tinha as vestes rasgadas, estava amedrontada e chorava mais do que agia. Sacudia as mãos e dizia coisas incompreensíveis. Em meio a gritos e confusão, ela beijou o menino e saiu correndo, para retornar três minutos depois com os cabelos entufados e um corte profundo no lado esquerdo. Ela o levantou com mãos quentes, envolvendo seu pequeno corpo com um couro envelhecido, furado e

cheio de espinhos. Depois, correu com ele nos braços, entre escorregões, sendo recebida pelo frescor de um rio. Lá, encontrou alguns galhos caídos, e enlaçou-os apressadamente com tiras de couro. Um hálito de morte se avizinhou, e ela percebeu. Tremendo, depositou a criança sobre os galhos, tomando o cuidado de amarrá-la pela cintura. Depois disso, deixando escapar um rio de lágrimas, olhou uma última vez para o menino, com a expressão recheada de ternura, antes de abandoná-lo nas águas.

A correnteza não tardaria a retirar o pequeno da margem, afastando-o, metro após metro, momentaneamente, do perigo, e, para sempre, dos braços e mãos cheios de calor e de amor de sua mãe, que, com uma lança em punho, preparava-se para enfrentar a fera destinada a retirar-lhe a vida.

DOIS

O Senhor dos Lobos e do Fogo

Tudo aconteceu devido ao acaso. Num certo dia, numa bela manhã, nas margens verdejantes do manancial de água chamado de “Lago dos Lobos”, seis homens, entre eles guerreiros e caçadores, armados com lanças e cunhas de obsidiana, se espantaram ao descobrir um menino convivendo no meio de animais. Ele andava de cócoras e devia ter oito anos. Com ele, havia cabras selvagens, lobos, javalis e bois, que, curiosamente, conviviam em harmonia.

Os lobos, que eram os mais perigosos, dormiam e pareciam presas fáceis. Aquele que parecia ser o líder dos homens fez o sinal e os outros avançaram. A ação foi rápida. Os lobos esboçaram a primeira reação: ganiram, despertando os outros animais e o menino. Era tarde. Os guerreiros fincaram as lanças em suas goelas, furando seus pescoços. Sangue e corpos dilacerados. Carne fresca e abundante.

O menino, depois de correr de cócoras, montou em uma cabra selvagem e fugiu desembestado pelo meio do mato, até acabar acuado ao largo de uma caverna, onde se escondeu, ficando quieto, entre as

pedras, observando os homens. Uma sensação estranha correu-lhe o corpo. Olhou para as próprias mãos, coçou o cabelo e apertou os pés. Alguns lobos passaram em disparada, enquanto javalis pulavam para um dos lados, fugindo das lanças e das cunhas. De repente, o silêncio imperou. Os homens foram chegando, silenciosos, cautelosos e com as armas prontas. Um deles fez um gesto, apontando para um canto, onde o menino estava. Ele tinha diante de si um pedaço de pau, deitado no chão, e outro entre as mãos. O chefe do grupo afastou os demais, aproximando-se do garoto. Estava para arrastá-lo pelos cabelos, quando algo estranho aconteceu. Houve um grito coletivo. O espanto foi geral:

“Fogo do céu. Ele faz fogo do céu” – alguém disse.

O menino ergueu-se e apontou o pedaço de pau em chamas na direção dos homens, que recuaram tomados pelo pavor. Ele levantou o braço e girou o galho no ar. O chefe dos homens ajoelhou-se, e disse: “É o escolhido”.

Todos os outros se ajoelharam e depuseram as lanças em sinal de respeito, enquanto o garoto agitava o pedaço de pau em chamas, correndo de cócoras pelo meio das pedras. Então, lobos surgiram na ponta da caverna e os homens se assustaram. Pegaram as armas e aguardaram o ataque, que não ocorreu, porque o menino, com um grito, afastou os animais.

“Fala com os lobos, também” – murmurou um dos caçadores.

“É ele sim, é o menino dos lobos e do fogo” – sentenciou o chefe do grupo com um sorriso que aclarou todo o seu pontiagudo rosto, caminhando serenamente e sem medo até o garoto.

TRÊS

O filho de Mabok

“A profecia se cumpriu. Encontramos o prometido, o escolhido dos deuses. O órfão sobrevivente das feras e senhor dos lobos e do fogo” – anunciou Mabok, o chefe dos guerreiros, ao entrar na aldeia, depois de lhe dar um nome, em meio a gritos e a todo tipo de exclamações.

Mabok, apesar de ser o chefe dos guerreiros e dos caçadores, tinha uma aparência completamente diferente daquela que o seu título sugeria. Ele era um homem extremamente magro, embora seus músculos parecessem rígidos como pedra. Tinha um nariz espetacular: grande, aquilino e com narinas sugestivas, que lhe dava um ar de distinção. Seu cabelo era meio prateado, bastante liso e tão comprido que poderia cobrir seu tronco e seus ombros, caso desejasse. Apesar de fazer parte da liderança da aldeia, Mabok primava pela austeridade.

Usava sandálias de pele de cervo, uma tanga de couro de urso e uma manta feita de pele de tigre, além de carregar no tórax alguns colares, que registravam a sua ascendência, os seus feitos e os seus títulos.

A notícia da captura se propagou velozmente entre todo o povo da aldeia, que respondia com uma gritaria que variava da alegria ao susto

e esconjuros, em meio a danças rituais. Urubus, estimulados com a confusão, balançavam-se de um lado para outro, soltando grasnidos, enquanto cachorros esqueléticos latiam para marcar posição.

Como um grupo de deuses, o cortejo liderado por Mabok atravessou garbosamente as choças e palhoças, levando o menino para o centro da tribo, num local conhecido como Pátio dos Anciões, onde existiam taperas de vários tipos, parando diante de duas grandes cabanas de barro socado, com portas feitas de couro de touros, cujas paredes tinham chifres, cabaças e vários crânios humanos dependurados. Ali moravam os homens mais velhos, tidos como os sábios daquele bando. Eram três. Usavam roupas coloridas e traziam nos pescoços diversos colares permeados de amuletos. Para os padrões da época, onde a maioria dos viventes não ultrapassava os trinta anos, já tinham uma boa idade. Um deles estava com os cabelos brancos e outro começava a apresentar calvície.

Com um aceno daquele que parecia ser o mais velho e que representava o papel de sacerdote, todos silenciaram.

“Ele é o menino da profecia?” – perguntou, com autoridade.

Mabok respondeu positivamente, mirando-o dentro dos olhos. Era um dos poucos, além dos outros dois anciões e alguns dos guerreiros mais influentes, naquela aldeia, que podia olhar diretamente para o sacerdote ou para os outros dois sábios. Qualquer aldeão comum que ousasse fazer isso seria condenado à morte por apedrejamento, e seus filhos e suas mulheres seriam tomados como escravos.

“Então, se for, sobreviverá a minha lança” – redargüiu o ancião, tomando o menino e colocando-o sobre uma pedra muito lisa.

Em seguida, o sacerdote iniciou uma dança diante da multidão reunida ao redor e que gritava com fervor pelas bênçãos dos deuses. Por fim levantou o braço empunhando a lança. No momento em que a arma iria ser enterrada no corpo do menino, um velho ergueu seu bastão, e, como se a idade não lhe pesasse, pulou sobre a pedra, soltando um grito que paralisou toda a cena. A multidão emudeceu. Nunca antes

ninguém havia se atrevido a fazer coisa parecida. Apontando o menino, disse:

“Se esse espantalho barrigudo não for o menino da profecia e o sacrificarmos, estaremos sob a ira dos deuses, que o vomitarão sobre a aldeia, enviando pestes, doenças e tragédias” – anunciou.

“Sugere o quê, valoroso ancião?” – perguntou Mabok, vendo naquela intervenção a oportunidade para salvar a vida do garoto.

“Devemos examiná-lo, como fizemos com Makele, o perturbado” – respondeu como solução.

O sacerdote que tinha a lança empunhada se aproximou e tentou fazê-lo ponderar, ao que ele respondeu:

“Não estou fazendo isso por compaixão. Sacrificar esse menino seria uma ofensa imperdoável contra os deuses”.

“E se ele for o menino da profecia? Não sobreviveria? Mabok acha que ele é o órfão que os antigos falavam. Órfão e barrigudo. Deve estar doente. Se não for o escolhido, de qualquer forma irá morrer” – insistiu o sacerdote, que estava com uma expressão severa e hostil.

O ancião sobre a pedra sorriu.

“Agora é você quem pede clemência. Sabe que não se envia para os deuses um desenganado, mas sim o melhor entre os melhores, que depois de divertir-se com as mais belas virgens como compensação, é finalmente levado à pedra do sacrifício” – disse.

Houve um silêncio repentino. Até os cães e os urubus aquietaram-se.

O sacerdote, contrariado, abaixou a lança, ficando sem reação ante a habilidosa resposta. Mabok, sem perder tempo, foi até a pedra e ajudou o ancião a descer, junto com o menino.

“Está certo: faremos os exames para não correr o risco de ofender os deuses. Guerreiro teimoso...” – murmurou o ancião, enquanto descia, percebendo a nítida afeição do chefe dos guerreiros pelo garoto.

Mabok sorriu diante do insulto afetuoso do velho. Mas seu sorriso se transmudou em uma careta disforme quando ele completou o sussurro:

“...depois dos exames, você vai cuidar do menino como um filho”.

QUATRO

O exame dos sábios

Os anciões, um após o outro, avaliaram o garoto, cada um a seu modo. O primeiro, que tinha o nome de Tziak, era mais gordo do que os outros dois, apertou-lhe o bucho, dizendo que sua barriga era anormal, certamente repleta de pragas e bichos peçonhentos.

“Uma surra, das boas, com varas de urtiga afastará tudo de podre de dentro do menino” – disse, parecendo satisfeito.

E assim o fez. Mandou que separassem a raiz mais viçosa e com aspecto mais roliço, e depois de se certificar tratar-se realmente da planta que indicou, bateu no lombo do menino, que reagiu com uma rasteira, jogando o homem para um dos lados, provocando riso em uns e muitos rosnados entre os cachorros. O ancião queria bater de novo, mas foi contido por Mabok entre os risos da platéia.

Aplacada a ira do primeiro ancião, veio o sábio que evitou o sacrifício, chamado pelo nome de Mukar. Tinha um jeito agradável. Seus olhos remexiam-se sem parar e sua boca fazia uma curva, que aparentava estar sempre sorrindo. Ele segurou a cabeça do garoto e a sacudiu freneticamente por alguns minutos, girando com ele por entre as pessoas. Deu vários gritos incompreensíveis, balbuciando estranhas

palavras junto aos ouvidos do menino. Deu passes. Empinou o pescoço para os lados e sacudiu a própria cabeça. Suava e chorava quando terminou, parecendo contente e tão ou mais tonto do que o garoto.

Olhou para o alto e disse:

“Ele pode fazer o fogo dos deuses, sinto isso.” – disse o ancião, que se achava capaz de ler pensamentos e fazer previsões.

Dito isso, cambaleando, foi até a borda da sua choça, sentando no chão, onde permaneceria até o fim da reunião, repetindo a mesma frase:

“Ele pode fazer o fogo dos deuses, sinto isso.” – seu rosto não estava mais apenas banhado de pranto, mas de um véu de suor.

O terceiro ancião, que tinha o nome de Grunam, era o que tinha os cabelos muito brancos e fazia o papel de sacerdote. Era um homem com um aspecto estranho. Tinha uma cara pouco confiável e carregava mais apetrechos do que os outros. Antes de avaliar o menino, ordenou que dois homens o erguessem. Desde que chegara ao local onde o grupo humano havia se estabelecido, o garoto tinha permanecido quase todo o tempo de quatro. Então, o ancião achou que aquilo deveria terminar. Os homens o puseram de pé. Ele cedeu suas pernas e tornou a ficar de quatro. Tentaram uma segunda vez e uma terceira. Em todas, repetiu o mesmo movimento.

Grunam desatou inesperadamente a rir um riso zombeteiro. Sem querer, os outros também se associaram à risada. Como solução, meteu uma das mãos numa cumbuca e retirou uma semente. Em seguida, depois de gesticular aos homens, enfiou-a no ânus do garoto, que esbugalhou os olhos e se empertigou. Gritou e saltou, parecendo um louco, sendo contido pelos adultos. O ancião sorriu até gargalhar, chegando a curvar-se de tanto rir. “Tome.” – disse, pondo algo nas mãos do menino. – “É uma semente de pimenta, fique com ela como recordação”.

O garoto, segurando a semente, girava o corpo e soprava as nádegas, do mesmo modo como faz um cachorro atrás da própria cauda. Daquele dia em diante, ele não mais se locomoveria de quatro, passaria a ser,

forçosamente, bípede. E, por vários anos, sempre que via o sacerdote, tomava o cuidado de proteger a parte de trás do seu corpo com uma das mãos.

CINCO

O clã dos Davini

Nas semanas seguintes, Mabok viu a criança se transformar num menino de porte robusto e estatura baixa, com um sorriso claro e uns olhos sagazes que, mais do que olhar, perguntavam. O chefe dos guerreiros amaldiçoava sua sorte. Perguntava a si mesmo como poderia cuidar de um menino como aquele. Mabok havia tido três mulheres, até então, e uma dezena de concubinas, embora já não conservasse nenhuma. Enviuvou três vezes e com apenas uma tivera um filho e não parecia disposto a recomeçar. Tinha medo que o futuro reservasse para o garoto o mesmo que tinha ocorrido com o seu filho, morto numa armadilha preparada por guerreiros desconhecidos no monte Taihan, anos atrás.

A única coisa que o reconfortava era saber que aquilo seria por pouco tempo. Logo os anciões se reuniriam para decidir sobre o futuro do menino e sobre quem cuidaria dele até ficar adulto. E, assim, depois de se reunirem por uma semana seguida num local sagrado, os anciões deram, finalmente, a notícia sobre o destino do garoto que viveu com os animais. Era noite fechada. Os sábios haviam permanecido sentados

sobre as mantas de couros de javalis, usando ervas e alimentando-se de raízes, e suas costas doíam. Já não havia espaço para aquele rito encrespado do dia em que o menino chegou. Tratava-se de uma importante decisão que poderia anunciar as boas novas. Para alegria de Mabok, coube ao sacerdote fazer o anúncio:

“Deverá morar, por um tempo, com os sábios do Clã dos Davini, no bosque Akibar, nos lados do levante”.

O clã, na verdade, não passava de uma pequena tribo, composta por duas dúzias de choças. Distante muitos quilômetros, ficava às margens do rio Cobar, bem acima do monte Taihan, atrás do qual o sol se erguia, numa região onde existiam cavalos selvagens, javalis, tigres e elefantes, e muitas colinas, ainda verdejantes, por aquela época. Era como uma tribo-irmã, sempre disposta a receber visitantes. Os anciões do clã eram conhecidos pelo seu modo gentil e ordeiro. Sábios, muitos os tinham como profetas. Gente pacífica, jamais envolvida em batalhas de qualquer espécie, o Clã dos Davini tinha fama de um povo ligado aos deuses. Comentava-se que estranhos sinais apareciam no bosque Akibar com frequência. Dizia-se que era um lugar onde nas nuvens cintilavam objetos prateados e dourados, cercados de grande fumaça e de estrondos semelhantes ao trovão.

Para lá o menino seria enviado. Conviveria com mestres e profetas. Aprenderia sobre as razões da vida e os motivos da morte. Não se trataria de um exílio, ao contrário, seria um período de aprendizado. Sua mente, ainda animal, conheceria os dons do mundo humano, e ninguém melhor do que os pacíficos davinianos para tanto. Era comum aos líderes tribais enviarem seus filhos, ou os filhos dos seus guerreiros ou alguém muito especial para a aldeia do bosque Akibar, onde eles seriam talhados e receberiam toda sorte de ensinamento.

O garoto, apesar de ainda não se comunicar verbalmente, não opôs qualquer resistência quando o chefe dos guerreiros apareceu em sua frente para levá-lo até o bosque Akibar. Afeiçoara-se a Mabok de um jeito particular, e o teria como exemplo a partir de então. Sentado ao lado da cabana de Mabok, ele brincava com a semente de pimenta

quando o chefe dos guerreiros chegou. Sorriu-lhe como se faz para um amigo, enquanto esticava a mão. Uma jornada diferente estava para começar em sua vida.

SEIS

Egre-Boh

Tempos depois, já em Akibar, o menino adaptava-se com relativa facilidade à vida dos aldeões, aprendendo rapidamente coisas como falar, sentar e andar ereto. Nesta última parte, talvez por receio de receber outra pimenta no ânus. O tempo passava e ele crescia. Quando fez treze anos, ele era um garoto não muito alto, mas com o corpo forte e compacto. Tinha grandes olhos azuis e anormalmente abertos, cheios de curiosidade, que lhe emprestavam uma expressão inteligente e vivaz. Dono de um sorriso generoso atraía com facilidade as meninas e fazia amigos, mas provocava, involuntariamente, rugas com os demais garotos.

Um deles, cujo nome era Caraqui, imaginava que seu insucesso com as garotas se dava por conta do jeito do menino. Caraqui tinha o porte de um guerreiro: era alto, magro, e seu corpo tinha a aparência de uma cumbuca raspada. Seu nariz, grande como o bico de uma águia, dava-lhe um tom viril e poderoso. O menino tinha surpreendido várias vezes Caraqui conspirando com os seus parceiros sobre uma forma de

vingar-se dele. A ocasião se apresentou quando ele foi encaminhado para um lugar chamado Egre-Boh, que significava “Vala do Saber”. Egre-Boh era uma espécie de local sagrado onde os garotos seriam talhados para as importantes tarefas em suas aldeias e tribos de origem. Lá, eles recebiam uma educação rigorosa, militar e religiosa. No primeiro dia em Egre-Boh, os meninos conversaram com os sacerdotes, que lhes deram orientações sobre como se portar, o que vestir e comer, e, também, sobre as provas pelas quais teriam que passar. Antes de partirem para as tarefas do dia, todas as madrugadas, muito antes do sol alvorecer, o dia se iniciava com um banho nas águas geladas do rio Cobar, seguido por uma caminhada sobre uma trilha de espinhos, que feria os pés e inchava os dedos. Os sábios do Clã dos Davini e da Vala do Saber entendiam que isso retirava os maus-espíritos que costumavam perturbar os sonos dos jovens. Quem permanecesse dormindo era espancado até sangrar com uma vara de pinho por um dos sacerdotes.

Após suplantarem todo tipo de provação, desde nadar na parte do rio Cobar onde existiam perigosos répteis, escalar colinas descalços carregando blocos de pedras, ficarem dias sem alimento e sem água, dormirem na copa de árvores centenárias, derrubarem aves com pedras e enfrentar ursos com lanças de madeira, finalmente, os garotos chegavam à derradeira etapa, onde faziam as duas últimas provas. Para tanto, eles foram separados em duplas, cabendo ao menino ter como parceiro o seu adversário Caraqui. O primeiro teste era para observar os dotes de combate. Um garoto enfrentaria o companheiro de dupla, apenas com as mãos. Usando apenas tangas, e com os corpos lambuzados por uma seiva especial, eram colocados dentro de um círculo riscado no chão, cujo vencedor seria o que conseguisse jogar para fora da zona demarcada o seu oponente. No momento da prova, o menino olhou para Caraqui e viu em seus olhos a expressão de um touro prestes a atacar.

“Chegou sua hora” – pensou Caraqui, quando partiu pra cima dele. O primeiro contato foi desastroso para os dois. Lambuzados como

estavam, seus corpos deslizaram, debatendo-se como peixes no chão, provocando risos e ironias.

Caraqui ficou ainda mais zangado e disse:

“Vou furar seus olhos”.

Temendo pela própria sorte, o menino decidiu usar de uma artimanha: a semente de pimenta. Tinha escondido na tanga a envelhecida semente, que, com o passar dos anos, havia se tornado seu amuleto. Quando Caraqui o agarrou, gritando, ele a pegou e a enfiou na boca do oponente, apertando-lhe as mandíbulas. Caraqui sentiu o gosto forte da pimenta e ficou um instante indeciso. Foi o suficiente para o menino o empurrar, jogando-o para fora do círculo.

“Ele venceu” – disse o sacerdote responsável pela disputa.

A prova seguinte era individual: uma corrida com elefantes. Servia para avaliar a capacidade de improvisação e a coragem dos garotos. Realizava-se numa planície onde existiam muitos animais. Cada um dos meninos deveria saltar sobre um elefante, bater no seu lombo, e manter-se sobre o animal durante todo o trajeto demarcado pelos sacerdotes.

O menino aguardou a sua vez pacientemente. Quando foi chamado, soube que todos os que o antecederam tinham obtido sucesso. Caso fracassasse, seria ridicularizado pelos demais, especialmente por Caraqui. Encheu-se de coragem e caminhou todo garboso para o local determinado pelos sacerdotes, e esperou. Um minuto depois soou um som de chifres e ele correu.

Disparou com todas as forças para escapar do tropel de elefantes que vinha em sua direção. Saltou rochedos e livrou-se de galhos, arranhando-se em espinheiros, até conseguir saltar sobre um dos paquidermes, segurando em suas dobras, enquanto batia com um galho no seu lombo, como se montasse um corcel. Caraqui, que o acompanhava de perto e provocava os animais com pedras, tropeçou e caiu sentado. Estava para ser pisoteado por um dos elefantes, quando foi visto pelo menino, que, num gesto rápido, fez o elefante dar um

grande giro, e, jogando o corpo para o lado, estendeu uma das mãos para Caraqui, puxando-o para a garupa e salvando-lhe a vida.

“Sobre a semente...” – disse, desculpando-se.

“Se você não fizesse aquilo, eu teria usado a minha” – respondeu

Caraqui, tirando uma semente de dentro da tanga. Os dois riram.

Caraqui, ainda rindo, fez um comentário sobre a semente, que ficaria marcado na mente do menino:

“Eu queria colocá-la dentro de uma daquelas pedras que caem do céu, só pra ver se cresce alguma coisa”.

A corrida seguiu levantando poeira e foi sensacional. O menino gritava e ria, divertindo-se como nunca, sendo festejado pelos parceiros.

Quando alcançou a meta firmada, deu um pulo habilidoso e rolou até perto dos pés daquele que seria o responsável por ele nos próximos anos. Caraqui, a partir daí, não seria mais seu adversário, e sim um dileto companheiro. Tanto que lhe ofertou a sua semente, que seria, a partir daí, o novo amuleto do garoto.

SETE

O mestre Ivin-Teb

Um dos idosos mais respeitados no clã, um homem chamado Ivin-Teb, mestre e profeta, foi designado como seu mentor. O sábio, que era um homem com aspecto muito tranqüilo, tinha um interessante par de olhos castanhos, um rosto delicado e poucos cabelos. Recebeu o jovem em sua tenda num dia em que do rio Cobar soprava uma brisa fresca que trazia o perfume das flores que cresciam ao seu largo, e o sol escondia-se por trás das montanhas, enquanto aves cruzavam o céu em bandos barulhentos.

A tenda do sábio ficava na parte mais afastada da aldeia, de onde se tinha uma privilegiada visão do bosque Akibar, das ribeirinhas do rio Cobar e das montanhas cobertas de neve, nas fronteiras mais extremas do território do Clã dos Davini. O velho levantou o olhar e viu um bando de urubus encarapitados no alto de um cerro, e escutou tambores. Era o ritual de iniciação dos meninos que tinham obtido êxito nas provas. Mirou o garoto e percebeu que ele sabia que era um dos principais convidados daquele ritual. Ele estava impaciente e não parava de olhar pra fora. Ivin-Teb tornou a fitar o céu e viu os urubus alçarem vôo para

o alto de uma colina. O daviniano, então, voltou-se para o menino, fitando-o por alguns minutos, e depois abriu ao máximo os braços, dando um sorriso:

“Seja bem-vindo à minha tenda, jovem da profecia”.

OITO

O sábio de Akibar

Os anos passaram. As estações se alternaram. O menino crescia e desenvolvia habilidades, absorvendo tudo o que lhe ensinavam. O garoto seguia as ordens de Ivin-Teb e ganhava sua confiança, deixando orgulhoso o velho sábio. Mantinha-se obediente e interessado. Logo seria um adulto, e quando isso acontecesse retornaria para a sua aldeia como uma pessoa diferente.

Para o povo do bosque Akibar, o mundo tinha dois limites definidos: o firmamento e o oceano. O céu era uma fronteira insuperável e atingível apenas pelos deuses, enquanto que o oceano era o limite absoluto, vez que nem sequer se percebia que pudesse haver qualquer coisa além dele. O Clã dos Davini, como todo povo errante, deslocava-se pelo vale do rio Cobar, sempre à procura de alimento. E entre tantas idas e vindas, o menino conheceu lugares, outros povos, peregrinando e conversando com muitos sábios. Aprendeu que existiam tipos diferentes de homens por todo o mundo, e que um dia deveria ir ter com eles para

conhecer suas artes. Experimentou toda sorte de ervas e observou, junto com seus mestres, as águas, os ventos, as plantas, os animais, os montes e as estrelas.

Vieram outonos e invernos, até chegar à derradeira primavera que passaria com os davinianos, a qual, como se a natureza soubesse tratar-se de uma despedida iminente, se apresentou florida e esbelta como nunca antes.

O rapaz, crescido e falador, todavia, ainda desejava respostas para muitas questões. Queria saber sobre a vida, o destino e entender sobre as razões da existência. Tinha coisas que não desgrudavam da sua mente e que precisava encontrar explicações. Então, depois de retornar de um banho no rio com Caraqui e outros companheiros, durante uma reunião às margens do rio Cobar, em cujas planícies corriam cavalos e animais de todos os tamanhos, perguntou a Ivin-Teb:

“Por que fui mandado para cá?”

“Por um propósito” – disse-lhe o mestre.

“Não vejo qual, se vou ser apenas um auxiliar” – disse, enquanto olhava um elefante ao longe.

Ivin-Teb riu.

“Os anciões não costumam mandar para cá os seus auxiliares, mas sim os seus substitutos” – sorriu-lhe. – “Você não sabe, mas quando o conselho dos anciões da sua aldeia se reuniu, existiam duas pessoas, cujos destinos envolviam uma passagem por esta aldeia: você e um jovem de nome Makele, que tinha a cabeça perturbada por espíritos, supostamente filho de um importante guerreiro”.

O velho tossiu.

“O conselho se reuniu por uma semana inteira. A decisão foi difícil. Um dos anciões queria que Makele fosse o escolhido. Dizia que apesar do problema, Makele era de uma linhagem conhecida, enquanto você teria surgido do meio dos animais, sem pais e sem origem. Não convenceu os outros e nem ao chefe dos guerreiros. O fato de você saber fazer o fogo dos céus ajudou na escolha”.

“Como sabe de tudo isso?” – perguntou com impaciência.

Ivin-Teb sorriu outra vez.

“Mabok me contou. Não acha que devo saber o passado daqueles que são recebidos de braços abertos em minha aldeia?”.

“Quer dizer que irei liderar a aldeia?”.

Ivin-Teb, com um rosto impávido, não respondeu. Caraqui, que estava perto, resolveu deixá-los, erguendo-se para caminhar.

“O que é liderar?” – perguntou o rapaz ao mestre.

“É velar para que o povo tenha víveres suficientes, armas suficientes, e assegurar sua confiança” – respondeu o sábio daviniano.

“E se tiver que renunciar a uma dessas três coisas, qual escolheria?”.

“As armas.” – disse o mestre, com convicção.

“E se tivesse que escolher entre as duas que faltaram? A qual delas renunciaria?”.

“Os alimentos. Desde sempre os homens estão sujeitos à morte. Mas um povo sem confiança será incapaz de sustentar-se” – respondeu o velho.

“Se vier a ser um líder, como deverei agir durante as cerimônias?”.

“Boa Pergunta” – disse o mestre, olhando-o com admiração. “Lembre que nas cerimônias, mais vale a austeridade do que o aparato. Nas de luto, mais vale a sinceridade na dor do que os cumprimentos. As palavras elegantes não são sinceras; as palavras sinceras não são elegantes”.

Ivin-Teb piscou os olhos, depois prosseguiu:

“Deve liderar como um líder lidera. Um pai deve saber ser pai e um filho deve saber ser filho. Se for um bom chefe e tiver atitudes corretas, sua liderança não será contestada. Se sua conduta for incorreta, poderá baixar uma ordem, mas não a verá seguida. O que domina aos outros é forte; o que domina a si mesmo é poderoso”.

“Devo ser correto sempre?” – observou, com certa dúvida.

“Sim. Sempre. Escute: eu gosto de peixe, mas gosto também das patas de urso. Se não posso ter os dois, deixo o peixe e fico com as patas de urso. Amo a vida, mas amo também o que é correto. Se não posso ter os dois, renuncio à vida para conservar o senso moral”.

“Hoje, depois de conviver com os davinianos,” – disse o rapaz, pedindo desculpas por interromper o raciocínio do mestre. – “sinto que o modo de viver da sua aldeia é melhor do que de onde vim”.

O sábio o repreendeu com o olhar.

“A rã no fundo do poço não pode falar do rio, porque está confinada em seu buraco. O inseto que vive apenas um verão não pode falar do gelo, limitado como está a uma única estação. Você não deve criticar o modo de viver da sua aldeia, porque ainda não é parte nele”.

O rapaz sacudiu a cabeça, concordando. Tinha outra pergunta:

“O que é a morte?” – disse pensativo, aproximando os olhos dos dedos.

“Você nem sabe o que é a vida, jovem dos lobos. Como quer saber o que é a morte?” – disse-lhe o mestre, abrindo os braços.

“Mas um dia vou morrer” – murmurou o rapaz.

“Antes viva” – respondeu, apontando-lhe o dedo.

O rapaz pensou em perguntar algo, depois desistiu. Mas no fundo do seu coração sabia que tinha importância.

“Mestre” – disse, com as mãos crispadas sobre os joelhos. – “O que é o céu?”

“É aquilo que não se pode medir” – respondeu.

O jovem não entendeu.

“Há duas coisas sem fim: o céu e a tolice dos homens. A saída é ouvir sempre o coração. Não existe nenhum caminho mais certo para a descoberta do segredo do céu do que a intuição”.

Em seguida, Ivin-Teb calou-se. Permaneceu pensativo um tempo.

Deu um suspiro. Seu olhar ficou vago, como se uma lembrança triste tivesse atravessado o seu coração.

“Ofendi-lhe, mestre?” – perguntou o rapaz, preocupado.

O silêncio continuou. Os olhos do velho se mantinham frios.

“De modo algum” – respondeu sem se abalar.

O rapaz franziu a testa. Não disse qualquer palavra enquanto o sábio falava.

“Apenas queria que você aprendesse com o meu silêncio” – disse o velho, fazendo um estranho sinal com as mãos.

“Se não falar o que sabe, como é que poderei compreender?” – retrucou o rapaz, parecendo excitado.

“Por acaso o céu fala? As estações climáticas sucedem-se e as criaturas proliferam. E você nunca as ouviu falar. Que necessidade há de o céu falar, portanto?”

“Você tem o conhecimento, mestre. Preciso abandonar a ignorância. Somente você pode ajudar-me” – rebateu o rapaz com eloquência. Ivin-Teb sorriu sem mexer os lábios.

“Será mesmo? Como pode saber se o que sei não é ignorância em vez de conhecimento? O homem completo faz de seu coração um reflexo. Assim ele é capaz de dominar as coisas e de ter o conhecimento. Saber que não sabe, isso é humildade. Pensar que um sabe o que não sabe, isso é doença. O que distingue o homem do animal é quase nada, jovem dos lobos. A imaginação é mais importante do que o conhecimento, nunca se esqueça disso”.

Uma brisa soprou. Os animais se agitaram, chamando a atenção do jovem. O rapaz se virou então para o mestre. E ao invés de falar qualquer coisa, sentiu que o vento pedia silêncio, e ficou em silêncio também. Uma força estranha se apossou dele e teve enorme vontade de perguntar a respeito do arco-íris, que os homens do clã chamavam de “cores dos deuses”.

“Em sonhos, vejo as luzes das cores dos deuses sobre meu rosto. Afinal, o que isso quer dizer? O que existe no fim das cores dos deuses, mestre? É verdade que lá há tesouros?” – perguntou.

Ivin-Teb ouviu atentamente, e, tragando pacientemente o fumo de uma erva, o mirou com afeição, dizendo:

“Se a sua razão de viver é saber o que há no fim das cores dos deuses, mude o seu modo de ver as tintas, jovem dos lobos. Onde mirar o fim, deve ver o início. Onde há o início, existe o fim. Acredite que o fim das tintas dos deuses está sobre você e não sobre uma cumbuca cheia de tesouros, e, assim, encontrará um tesouro sem preço: você mesmo.

Mesmo que caminhe por todo o mundo, subindo montes ou percorrendo lagos, você estará no local onde está o fim, onde está o tesouro”.

Ivin-Teb sorriu e desviou o olhar para um dos lados, observando a agitação dos animais. O rapaz sentiu uma alegria imensa naquele momento. Ouviu o tropel dos cavalos e viu novamente o elefante, lembrando-se de Caraqui, que havia se afastado. Flores coloridas cintilavam ao redor e o sol brilhava de uma maneira muito especial. As cores dos deuses, o arco-íris, continham um segredo, algo sem fim, para uns. Mas, não mais para ele, que agora sabia ser o tesouro de si mesmo.

Mirou o mestre, que agora relaxava com os olhos meio abertos, e se levantou. Caminhou por entre belas árvores por um bom tempo. Sentia o ar invadir-lhe os pulmões. Sentia o roçar gostoso do capim nas pernas, acreditando que aquelas eras as melhores das coisas do mundo.

Ao longe, algo se agitava em meio à poeira erguida pelas patas dos animais. Aguardou, encostando-se numa palmeira, com os braços cruzados. Não demorou e reconheceu a figura de Mabok, que caminhava acompanhado por vários homens de escolta. Pensou em sair sem se despedir de Ivin-Teb. Não queria chorar porque ele podia ver. Mas ia ter saudade dele e de todas as muitas coisas boas que havia aprendido. Aprendeu a ser uma pessoa confiante e desejava conquistar o mundo. Caraqui, que se aproximara em silêncio, quis saber quem eram aqueles homens.

“Está na hora de retornar” – foi o que respondeu, apenas.

NOVE

Mur-Art: a Tenda da Paz

O garoto, agora um rapaz, retornou para a aldeia com Mabok. O chefe dos guerreiros era seu fã e enaltecia as suas virtudes, multiplicando por mil as aventuras do rapaz. Mabok já havia perdido suas mulheres e seu único filho, e não estava disposto a ficar sem aquela última e inesperada possibilidade de ter um descendente, mesmo que não fosse do seu sangue. Estava apegado ao rapaz e via nele a única esperança para a sua vida. Recordava-se das tristes noites que tinha passado em claro para cuidar dos ferimentos em seu filho, que acabou morrendo depois do atentado. E agora, dizia Mabok para si mesmo, era a hora de começar novamente.

Quando entrou na aldeia, fez questão de tê-lo ao seu lado. Juntos, caminharam até o Pátio dos Anciões e foram recebidos com festa pelo povo. Seus guerreiros agitaram os braços e deram gritos. As mulheres correram com crianças nos braços, buscando chegar o mais perto

possível. E os velhos sacudiram as mantas de couros em sinal de louvor.

Mabok sorria, ao seu lado, o rapaz também. Os dois se destacaram da multidão e andaram até a choça do sacerdote, que estava quieto, com os braços cruzados. Sua expressão era indefinível, algo parecido com uma máscara com múltiplos lados. Ao lado dele estavam os outros dois anciões, cujo aspecto era antagônico ao do sacerdote.

“O Senhor dos Lobos e do Fogo, o Escolhido retornou” – comunicou-lhes Mabok.

Houve festa e comemoração. Pessoas correram até Mabok e o rapaz. Tocaram-nos com mãos ávidas como se fossem deuses. Abraçaram-nos. Houve quem beijasse os pés do jovem e untasse sua cabeça com óleos especiais. Presentes lhe foram ofertados: colares, lanças com pontas de obsidiana e até mulheres; e junto com eles ganhou um que batizou de “Mur-Art”, que significava Tenda da Paz: uma choça de tamanho semelhante às dos sábios, com um espaço livre ao lado, próxima à de Mabok, no Pátio dos Anciões. Ele ainda não sabia, mas naquele lugar passaria os momentos mais felizes de sua vida.

A noite chegou e avançou com rapidez. Como era de costume em ocasiões como aquela, o rapaz reuniu-se em volta de uma fogueira com as figuras mais importantes da aldeia, relatando parte das experiências vividas em Akibar. Sob olhares curiosos, perguntas eram feitas e, para todas, ele tinha respostas simples baseadas nos conhecimentos que adquiriu. Até que, já noite alta, quando segurava um grande pedaço de carne assada, franziu a testa e, repentinamente, disse:

“Nossos homens e mulheres retiram da natureza o sustento da aldeia, colhendo os frutos dos vegetais ou matando os animais. Não seria melhor em vez de apenas retirar os vegetais, também plantá-los? E, em vez de matar os animais, criá-los em cercados?”

Sua inesperada sugestão trouxe murmúrios, com vozes discordantes e favoráveis. Mas, por fim, sua idéia foi aceita, fazendo surgir, para ele, mais um título entre muitos que receberia vida afora: o de Senhor das

Colheitas e dos Animais; e, para a aldeia, o alvorecer da agricultura e da pecuária.